



CONVITES PARA CANTAR O *MAGNIFICAT* NA IGREJA POVO DOS POBRES DE DEUS

Lucy Terezinha Mariotti*

Resumo

Revisitando o conceito de Igreja em Comblin encontramos a afirmação de que os pobres são a verdadeira Igreja, o verdadeiro povo de Deus. A pobreza é uma condição imposta às mulheres e Papa Francisco reverbera ao dizer que as mulheres são “duplamente pobres” sofrendo toda sorte de violência e desrespeito. Na Igreja desenham-se imagens de mulher que são justificadas por imagens de Maria distanciadas do *Magnificat*, o canto-símbolo dos pobres que reagem e celebram a realização de suas esperanças. Buscamos no conceito de Igreja Povo de Deus, povo de pobres, em Comblin e de Igreja aberta, em Papa Francisco, o que chamamos de “convites” para trilhar caminhos de inclusão - na Igreja- direcionados a quem é duplamente pobre; convites que a imagética pode negar ou reforçar.

Palavras-chave: Igreja Povo. Igreja Aberta. Pobre. Mulher.

Introdução

Os pobres são a verdadeira Igreja, o verdadeiro Povo de Deus, afirma Comblin no capítulo 7 do livro intitulado “Povo de Deus”. Nosso autor vai mostrando que as primeiras comunidades cristãs eram compostas por pobres e por ricos que doavam seus bens como forma de distribuir a riqueza para que nada faltasse a ninguém. Era um tempo em que não precisava falar da Igreja dos pobres. Revisitando as Sagradas Escrituras encontramos um conceito ambíguo do binômio “pobre-pobreza” por se tratar de vocábulos com inúmeros significados, a depender do quadro histórico que emoldura a cena que os desenvolve, como também da tradução para o grego destes vocábulos semíticos. Mas as primeiras comunidades souberam reinterpretar os textos conhecidos à luz da vida de Jesus, revelação de um Deus que a ninguém exclui de seu amor misericordioso.

Poder e riqueza sempre rondaram a Igreja e quando o Império romano reconhece o cristianismo como uma religião, aquele que antes era visto em vestes de pastor – Bom Pastor

* Pertence ao Instituto das Irmãs de Caridade das Santas Bartolomea C. e Vincenza Gerosa (Irmãs de Maria Menina); Mestre em Teologia pela PUC-SP; Pós-graduada em “Arquitetura e Arte para a Liturgia” no *Pontificio Istituto Liturgico* – Ateneu Sant’Anselmo – Roma; Membro do grupo de pesquisa *JOSÉ COMBLIN* (GPJC) da PUC-SP.

– no Evangelho e nas catacumbas, passa a ser ilustrado em ricos tronos, em um repertório com tons de vitória, como era a arte oficial do Império. Ademais, o imperador e sua família foram os grandes patrocinadores das primeiras basílicas e desta forma determinaram, em parte, a sua modelagem (Cf. MATTHIAE, 1987, p. 34). Em figuras imponentes, Jesus foi representado como imperador, o mais poderoso, o mais rico de todos os homens. E o mesmo podemos perceber em se tratando da imagem de Maria que foi adquirindo características de imperatriz ou rainha. As imagens, longe de ser inocentes obras de arte, são reveladoras de modos de pensar, de ver o mundo e agir; refletem a cultura de um tempo e de um povo. Nesse contexto “os pobres permaneceram na Igreja, mas deixaram de ser representativos, e a Igreja deixou de falar a linguagem dos pobres. Esse foi o tempo da tentação, da sedução e do perigo” (COMBLIN, 2011, p. 244).

Comblin mostra que durante quinze séculos a Igreja não abandonou os pobres, mas os socorreu por meio de obras de caridade. No entanto deixou de ser Igreja dos pobres para ser Igreja para os pobres. Enquanto o clero ocupava postos de poder com a “responsabilidade de governar e organizar o mundo”, na tarefa de ajudar os pobres contou com “o auxílio de milhões de mulheres dedicadas e sacrificadas – quase todo o trabalho de assistência aos pobres foi feito por mulheres, consagradas ou não” (COMBLIN, 2011, p. 246).

Prosseguindo, ao encalço de Comblin, notoriamente, em nossos dias se aprofunda sempre mais a miséria. A pobreza parece ter sido naturalizada e por isso somos instigadas a falar sobre ela e sobre a presença massiva dos pobres; porque a Igreja não pode esquecer seu fundamento e sua identidade. Papa Francisco em muitas interlocuções e documentos chama a atenção para a realidade da pobreza e dos pobres e afirma que a pobreza é uma condição de sofrimento imposta às mulheres “duplamente pobres” ao sofrerem toda sorte de violência e desrespeito (Cf. EG 212 e FT 23). Para as mulheres existem modelos de comportamento igualmente impostos, além dos estereótipos historicamente assumidos, consciente ou inconscientemente. Na Igreja desenham-se imagens de mulher que são justificadas por imagens de Maria distanciadas do Magnificat, o canto-símbolo dos pobres que reagem e celebram a realização de suas esperanças. Por isso, olhamos para Maria situada no contexto dos pobres esperanças do seu tempo e tentamos encontrar saídas, vislumbrar espaços, escrever e aceitar “convites” para que as mulheres “duplamente pobres” possam trilhar novos

caminhos e assim cantar o Magnificat em uma Igreja que se questiona e, ao ser Igreja em saída, também recupera o seu ser Povo de Deus ou povo dos pobres de Deus.

1. Mulheres: as vozes emudecidas do Povo de Deus

A Igreja Latino Americana, a partir das Conferências Gerais do Episcopado de Medellin (1968) e Puebla (1979) “passou a defender mais nitidamente que os pobres ocupam o primeiro lugar no povo de Deus, que o povo de Deus se caracteriza pelo pobre e que a Igreja verdadeira é a Igreja dos pobres” (COMBLIN, 2011, p. 238). Enfaticamente e sem meias palavras, Comblin postula: “O povo de Deus é povo de pobres” (COMBLIN, 2011, p. 281). Com a pergunta: “quem são os pobres de hoje?”, Comblin (2011, p. 242-243) evidencia que Jesus vai em busca dos pobres; nos Atos dos Apóstolos o centro são os pobres, e os ricos estão a seu serviço colocando seus bens à sua disposição. A condição para ser cristão era partilhar os próprios bens também nas comunidades animadas por Paulo. “Para os primeiros cristãos o exemplo de Cristo, que se fez pobre, era suficiente. Não havia dúvida de que o povo de Deus se achava no meio dos pobres. Acreditavam no poder de Deus, mas para eles o poder de Deus não estava com o poder dos ricos” (COMBLIN, 2011, p. 243).

Pobre e pobreza são vocábulos com várias interpretações. O estudo filológico semântico, de acordo com Peretto (1995, p. 1075-1079) distingue o termo abstrato pobreza do substantivo pobre. No grego clássico, pobre é aquele que trabalha duramente e que não vive de renda, é fraco, no sentido de alguém sem força física ou social; vencido, humilhado, doentio, mendicante, baixo por condição social ou por natureza; também clemente ou quieto (conotação moral). Enquanto no grego os verbetes possuem conotação quase exclusivamente social, no hebraico ela é religiosa e social. Na tradução dos textos bíblicos do hebraico para o grego, a depender do contexto, pobre é o necessitado que espera (Cf. Ex 23,6.11); é o frágil (Cf. Jz 6,15); o humilhado, o oprimido, com suas capacidades reduzidas (Cf. Ex 22,24), é trabalhador livre, contratado por um salário, o oposto do rico. O verbete pobreza não é tão frequente na Sagrada Escritura, mas sempre designa uma condição detestável. Mesmo que no pós-exílio pobreza e pobre expressem um conceito religioso, indicando a pessoa piedosa; essa evolução semântica, entretanto, não eleva a pobreza a uma condição desejável.

Nos Evangelhos, pobreza possui um significado predominantemente social. "Pobreza social e pobreza religiosa têm o ponto de encontro em Jesus pobre (Jo 12,8)" (PERETTO,1995, p. 1078). Ao redor dele reúnem-se os pobres, pescadores, doentes, mendigos, mulheres, viúvas, trabalhadores do campo, pessoas sem importância naquela sociedade. Jesus não tinha onde reclinar a cabeça (Cf. 8,20) e essa pobreza voluntária é simbólica quando entra em Jerusalém montado em um jumento, passagem esta que é lida paralelamente ao texto de Zacarias 9,9-10: "Exulta de alegria, filha de Sião, solta gritos de júbilo, filha de Jerusalém; eis que vem a ti o teu rei, justo e vitorioso; ele é simples e vem montado num jumento, no potro de uma jumenta." Para Paulo, Jesus foi o mais pobre dos pobres por seu total abandono à vontade do Pai (Cf. Fl 2,7.8). Ele não se assemelha aos poderosos governantes do seu tempo.

A Igreja em seus primórdios, mostra Comblin (2011, p. 243-244), não seguiu a interpretação das antigas civilizações, tampouco os textos da Sagrada Escritura que reforçam a ideia de ser Deus o autor do poder terreno e este, o sinal do poder de Deus, base para uma "teologia dos poderosos" e da teologia da prosperidade que arrasta multidões no Brasil. Contrariamente, os cristãos escolheram textos que falam do Messias pobre. Eles eram pobres e, de acordo com Orígenes, em sua obra "Contra Celso" eram ridicularizados por isso. O confirmam as palavras do romano *Cecilius*: "Com uma massa de pessoal ignorante recrutado na ralé, e de mulheres crédulas que se deixam facilmente seduzir, por causa da fraqueza do seu sexo, essa gente forma no povo uma quadrilha sem vergonha" (Orígenes, Contra Celso III, 55). Aqui já encontramos alguns estereótipos que acompanham as mulheres ao longo da história: estão incluídas na massa da ralé ignorante, isto é, conforme seus sinônimos, que ignora, que não tem instrução, que é estúpido, tolo, inepto, imbecil e revela falta de saber, desconhecimento e imperícia, e por serem o sexo frágil (termo pejorativo, preconceituoso e claramente machista), se deixam seduzir – facilmente –isto é, se deixam induzir por outra pessoa ou por uma nova proposta, por um Deus, ou uma nova religião; fazendo parte de um povo "sem vergonha". A Igreja primitiva foi regada pelo sangue dos mártires, então poderíamos rebater *Cecilius* dizendo que os cristãos e, em especial as mulheres, era um povo sem vergonha de testemunhar, de amar, era um povo livre que ousou apresentar uma alternativa de vida baseada na partilha, no amor e na solidariedade; um povo sem vergonha que não se ajoelhava diante do Imperador, não idolatrava um poder perverso e desumano.

O cristianismo, entretanto, amalgamado nas culturas, ainda não conseguiu extinguir estereótipos que deslegitimam a participação das mulheres na Igreja e na sociedade e Papa Francisco na Carta Encíclica *Fratelli Tutti* denuncia a situação de exclusão das mulheres (Cf. FT 23-24; 54; 67). Introduz a questão ao afirmar que “enquanto uma parte da humanidade vive na opulência, outra parte vê a própria dignidade não reconhecida, desprezada ou espezinhada e os seus direitos fundamentais ignorados ou violados” (FT 22). Assim, destaca no parágrafo seguinte:

De modo análogo, a organização das sociedades em todo o mundo ainda está longe de refletir com clareza que as mulheres têm exatamente a mesma dignidade e idênticos direitos que os homens. As palavras dizem uma coisa, mas as decisões e a realidade gritam outra. Com efeito, “duplamente pobres são as mulheres que padecem situações de exclusão, maus-tratos e violência, porque frequentemente têm menores possibilidades de defender os seus direitos” (FT 23).

Papa Francisco retoma as palavras do parágrafo 212 da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* ao falar que as mulheres são duplamente pobres. Reconhecendo que, mesmo sob esta condição, são contínuos os seus gestos de heroísmo e sua capacidade de cuidar da fragilidade das famílias. Continua, na Encíclica, a denúncia da existência do mercantismo que, enraizado na escravatura, tem a petulância de tratar a outra pessoa como objeto, como meio, reduzindo-a a propriedade de alguém. E diz, o papa, que a aberração não tem limites quando mulheres são subjugadas, forçadas depois a abortar (Cf. FT 24).

Após a Jornada Mundial da Juventude, Papa Francisco falou aos jornalistas que as mulheres “têm um papel mais forte que só a maternidade e o cuidado com a família” (DOMEZI, 2016, p. 155). Por ocasião do 25º aniversário da carta apostólica *Mulieris Dignitatem* de João Paulo II, disse sofrer vendo na Igreja ou em organizações eclesiais que o papel de serviço, nas mulheres “resvala para um papel de servidão” (DOMEZI, 2016, p.116). Desde o início de seu pontificado, Francisco desafia a Igreja a ser um lugar de acolhida (Cf. EG 114) no qual as mulheres tenham espaço, incluindo-se nos ritos tradicionalmente entendidos como lugares somente de homens. Em carta endereçada ao Prefeito da Congregação para o Culto Divino e a disciplina dos sacramentos, delibera a modificação das rubricas do Missal Romano para que, no rito do Lava pés, se possa “escolher os participantes no rito entre todos os membros do Povo de Deus” (FRANCISCO, 20 de dezembro de 2014).

Suas palavras são acompanhadas por gestos, não somente lavando os pés de mulheres nas Celebrações da Quinta-Feira Santa, mas também nomeando mulheres em diferentes serviços ou instâncias de poder na Igreja. Em mensagem de 7 outubro de 2020, dirigida ao Conselho Feminino do Pontifício Conselho para a Cultura do Vaticano, Francisco destacou que pela primeira vez um Dicastério valoriza o protagonismo das mulheres em seus projetos e não somente quando se trata de questões femininas e afirmou ser esta uma “bela” novidade na Cúria romana. Belo é um termo que na língua italiana significa bom, necessário. Mais ainda, Francisco diz que “as mulheres são protagonistas de uma Igreja em saída”. Destaca a relevância do debate do Conselho Feminino daquele Dicastério ao pretender “criar um diálogo entre intelecto e espiritualidade, entre unidade e diversidade, entre música e liturgia, com um objetivo fundamental, ou seja, a amizade e a confiança universais”. E finaliza o parágrafo valorizando o jeito feminino de ser: “e fazeis isto com voz feminina que quer ajudar a curar, num mundo doente” (FRANCISCO, 7 de outubro de 2020). A Igreja aberta é acolhedora e não excludente; nela são valorizadas todas as pessoas, principalmente aquelas que historicamente permaneceram quase invisíveis. Igreja aberta é o espaço no qual todas as vozes podem ser ouvidas e, assim sendo, pode então sair e irradiar a alegria do Evangelho.

Francisco nos leva a revisitar os textos bíblicos pois “na história da salvação é uma mulher que acolhe o Verbo; e são também as mulheres que guardam a chama da fé na noite escura, que esperam e proclamam a Ressurreição” (FRANCISCO, 7 de outubro de 2020). É a voz feminina de Maria que disse “sim” (Lc 1,38) e cantou o *Magnificat* (Lc 1,46-55), completando o coro das vozes femininas que a precederam em cantos de confiança, de angústia ou de esperança.

2 Maria, cantora do canto dos pobres de Deus

Os Evangelhos, assim como toda a Sagrada Escritura, são uma interpretação de fé das comunidades e os textos carregam em si a influência da cultura, da linguagem, da identidade de quem recolheu suas palavras e gestos. Eles dão pouco espaço de expressão para Maria e também para as mulheres neles citadas, algumas nominalmente, outras anônimas. Tendo presente que as mulheres foram e são “duplamente pobres” é que olhamos para a mulher que Deus escolheu como mãe: uma menina que atendia pelo nome de Maria, habitante de Nazaré da Galileia, cidade pequena distante de Jerusalém, centro do poder político e religioso.

Os textos vétero-testamentários mostram que a mulher naquela sociedade patriarcal era subjugada ao pai ou ao marido que também podia repudiá-la sem contrapartida (Cf. Dt 24,1); economicamente em desvantagem, não era herdeira de seu marido (Nm 27,8ss) daí se explica a necessidade da defesa da viúva e do órfão que se encontram em vários textos especialmente dos profetas (Cf. PELLENTIER, 2004, p. 1202). Maria, principalmente no *Magnificat*, representa, sintetiza e reúne as aspirações dos pobres, anteriormente cantadas em salmos e principalmente por Ana (1Sm 2,1-10).

A mariologia em uma perspectiva feminista libertadora nos ajuda a perceber o mesmo contexto de sociedade patriarcal, no Evangelho de Lucas. Ele descreve Maria como uma jovem, virgem comprometida com José, da casa de Davi. Isabel é descendente de Abraão, mulher de um sacerdote, idosa, estéril, no sexto mês de gravidez. Portanto, é a partir da figura masculina que se identifica a mulher, ou por sua função social: esposa, mulher grávida, mãe; ou ainda por seu "status geracional": jovem, velha, virgem ou estéril, prometida em casamento ou casada (Cf. BRANCHER, 2009, p. 59).

O olhar crítico analisa a cuidadosa elaboração do texto lucano. Ele narra em paralelo duas anunciações, à Zacarias e à Maria (Lc 1,5-38); dois nascimentos e dois ritos de circuncisão de Jesus e de João Batista (Lc 1,57-66 e 2,1-21) e dois poemas: o *Magnificat* de Maria (Lc 1,46-56) e o *Benedictus* de Zacarias (Lc 1,67-79). O tom antijudaico de Lucas coloca em paralelo duas tradições: a judaica no anúncio a Zacarias e a cristã no anúncio a Maria destacando a superioridade desta em relação à Isabel, o que reforça "a supremacia de uma religião sobre outra e legítimas estruturas opressivas e dominadoras" (BRANCHER, 2009, p. 64). Isso reflete uma mentalidade predominante na época em que o Evangelho foi escrito e que pode ser reconhecida no interior de tradições e grupos religiosos até os nossos dias.

Para além das suspeitas necessárias em uma reflexão teológica na ótica feminina, na qual somos aprendizes, o que queremos é encontrar novas leituras nos textos para nos distanciarmos de interpretações que possam justificar como normal uma inferioridade das mulheres e a sua condição de duplamente pobres em meio aos pobres. Assim queremos rever a narrativa lucana do encontro entre Isabel e Maria. Maria é uma pessoa historicamente situada, vivendo em um território ocupado no qual a violência contra as mulheres é intensificada. Lucas narra que a jovem Maria, da aldeia de Nazaré, sozinha e grávida, vai

apressadamente a uma aldeia de Judá, à casa de Zacarias “e saudou Isabel” (Cf. Lc 1,39-40). O texto apócrifo diz que seus pais, preocupados com a gravidez precoce da filha, decidem mandá-la para a casa da parenta Isabel. Há indícios de que Maria também tenha enfrentado o julgamento, calúnias e condenações por sua gravidez. Nas montanhas ela encontrou apoio e proteção (Cf. BRANCHER, 2009, p. 65-67) de Isabel que sentiu o filho pular de alegria em seu ventre ao ouvir a sua saudação; ficou repleta do Espírito Santo e louvou a sua fé (Lc 1,45).

Maria, no *Magnificat* (Lc 1, 46-55), expressa a sua fé e a fé do seu povo. Gebara e Bingemer (1988, p.192-193) ressaltam o paradoxo deste canto, porque “o evento definitivo da Encarnação do Verbo de Deus é ao mesmo tempo paradoxal e subversivo. Acontecendo no corpo e na vida de Maria de Nazaré, mulher e símbolo de todo o povo, apesar de excepcional e único, encontra-se repleto de implicações sociais, éticas e religiosas” (GEBARA e BINGEMER, 1988, p.192). A primeira parte do canto (Lc 1, 46-50) e o seu final, nos dois últimos versículos (v.54-55), é um eco da fé e do sim de Maria e do sim e da fé do povo. Maria carrega em seu corpo o Messias, o Salvador, puro dom que lhe foi presenteado pelo mesmo Deus que possibilitou o êxodo e constituiu um povo libertado, após uma experiência de escravidão e de exílio. Maria é serva e o povo é servo de um Deus que olhou para a sua humilhação e faz “grandes maravilhas” em seu favor. O sim exultante e cantado no *Magnificat* sucede o sim da Anunciação, dado na obscuridade da fé e na confiança total em Deus (Lc 1,38).

Ao reconhecer a sua misericórdia ela o engrandece e exulta porque ele é o seu Salvador, o Salvador do povo de Israel.

A segunda parte do *Magnificat* apresenta o não de Deus em direção aos soberbos, ambiciosos, a poderosos em seus tronos e ricos em sua abundância. O texto mostra o “paradoxo subversivo e conflitante de um Deus que, ao mesmo tempo que age e opera em favor do seu povo, toma partido e faz sentir o peso de seu forte braço aos que pretendem exercer qualquer tipo de opressão sobre esse mesmo povo” (GEBARA E BINGEMER, 1988, p.193). Maria assume o não de Deus e atualiza o cântico de outras mulheres que, antes dela, foram porta-vozes da justiça, do amor e da misericórdia de Deus: com Mirian (Ex 15,20-21) Maria canta as maravilhas do Deus libertador: com Ana canta o seu poder que tornou fecunda a esterilidade quebrando “o arco dos fortes” e revestindo os fracos com seu vigor (Cf. 1Sm

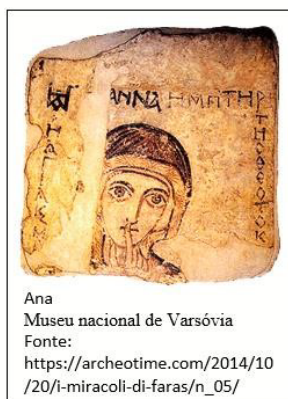
2,4); com Débora canta a sua proteção e a vitória frente os adversários (Jz 5,31); com Judite louva o Senhor que não abandona o seu povo, mas que cumpre as suas promessas de misericórdia (Cf. Jt 13,17-18).

O não de Deus nos lábios de Maria denuncia o anti-Reino, enquanto o seu sim anuncia a realização das promessas, a chegada do Reino, de um novo tempo. Maria pode ser porta-voz dos pobres e humildes, isto é, intérprete dos pobres de Deus (“anawin”) em suas aspirações sócio-político-religiosas, porque ela mesma era pobre e humilde, predileta de Deus. “O NÃO de Deus que ressoa da boca de Maria é um NÃO ao mal social da injustiça nas suas diferentes expressões e, por conseguinte, ao mal teológico do pecado” (GEBARA e BINGEMER, 1988, p.196); o pecado que se chama injustiça, alienação ou omissão diante do sofrimento dos outros. É um não solidário e profético porque ao cantar o Deus da vida, denuncia e faz oposição ao que oprime e mata.

Olhar para Maria e tê-la como modelo, como imagem de mulher é vê-la como mulher situada, mulher voz dos pobres de Deus em seu sim constante, cheio de fé e generosidade ao plano divino de salvação, uma mulher solidária com todos os pobres do mundo, uma mulher que inspira a Igreja a trilhar diariamente o caminho que a converte sempre mais em servidora.

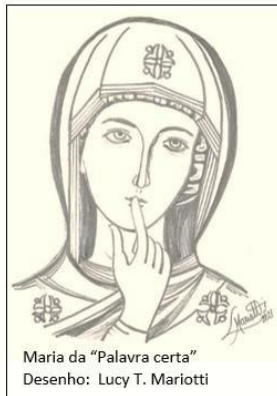
3 Imagens de Maria e de mulher: canto que a arte entoa

A partir do seu canto, feito de sim e de não é que podemos iniciar uma discussão sobre as imagens de Maria nas orações, nas devoções, nos dogmas e que a arte reforça. Ainda em forma de rascunho queremos olhar para a imagem da chamada “Virgem do Silêncio” em um ícone realizado em 2010 e que encontrou a simpatia também no Brasil.



O ícone apresenta Maria com o dedo indicador nos lábios no gesto de pedir silêncio, um sinal conhecido e que nos é familiar. O exemplo mais antigo de um ícone com essa característica foi encontrado no Egito em Faras, antiga Núbia – hoje Sudão – e, segundo a arqueóloga Francesca Pontani, está entre as 67 obras datáveis do século VI ao XIV, dispostas na Sala 6 da “Galeria de Faras” no museu nacional em Varsóvia, Polônia. É o detalhe de uma pintura de Ana, mãe de Maria (segundo os apócrifos) que faz

parte da coleção proveniente da catedral de Faras (VIII-XVI) antiga sede de bispado desde o ano 625 (Cf. PONTANI, 20 de outubro de 2014).



A imagem de Ana, passível de inúmeras interpretações, tem olhos expressivos; olhos de alguém que vê ou contempla algo lindo e grandioso a ser compreendido; um leve sorriso aparece, não obstante e o dedo indicador cubra parte dos lábios. É uma representação única em se tratando de iconografia de Ana. Essa pintura foi transformada em imagem de Maria como Virgem do Silêncio com os olhos mais baixos, que olham para o vazio e boca fechada, como a pedir silêncio. Foi encomendada pelo orientador de retiros frei Emiliano Antenucci, às monjas beneditinas da Ilha de *San Giulio d'Orta (NO)*. O primeiro retiro, cuja temática gravita em torno do silêncio, (realizado em 2008) teve como título: "silêncio, fala o Silêncio". O ícone, então, deveria representar a escuta, o silêncio no qual o "Silêncio" de Deus fala, em momentos específicos, isto é, em retiros espirituais¹.

Uma cópia, presenteada a Papa Francisco, foi alocada no Palácio apostólico, em um lugar de passagem para a sala onde ele recebe as pessoas – entre dois elevadores, no pátio *San Damaso*. Em 18 de maio de 2015, Francisco benze a imagem com essas palavras: "A Virgem Maria interceda junto ao Senhor, para que todos quantos entrarem no Palácio Apostólico possam sempre haver a palavra certa" (PAPA FRANCISCO, apud ANTENUCCI, 27 Febbraio 2020). Por isso, reproduzimos o ícone em desenho e o chamamos de Maria da "Palavra certa".

A imagem de Maria como Virgem do silêncio nos inquieta e faz procurar a palavra "certa" sobre a imagem de Maria. Nos evangelhos a encontramos em silêncio quando pensa: na Anunciação "se põe a pensar qual seria o significado da saudação" (Lc 1,29) e em seguida dialoga, pergunta ao Anjo. Quer entender. Após o nascimento de Jesus ela também guardava no coração os acontecimentos procurando compreendê-los (Lc 2,19). No episódio da perda

¹ Retiros, no cristianismo, são dias nos quais as pessoas se "retiram" de suas atividades corriqueiras para viverem momentos de intensa oração e reflexão da vida, tendo como parâmetro as Escrituras. É um "ver" e avaliar a vida para assumir a missão com um renovado entusiasmo.

do Menino Jesus que, na verdade ficara no templo discutindo com os doutores, ela pensou que ele estivesse na caravana.

Após a resposta de Jesus: "... não sabíeis que devo estar na casa de meu Pai?" (Lc 2,49) conta o Evangelho: "Sua mãe, porém, conservava a lembrança de todos esses fatos em seu coração" (Lc 2,51). Em Nazaré, Jesus era submisso a Maria e a José (Lc 2,51); ela guardava na memória e no tudo o que dizia respeito ao seu Filho, como o fazem todas as mães. Ugo Vanni nos dá mais um motivo para que ela o fizesse: Maria deveria reconhecer um traço que era seu no comportamento de obediência e disponibilidade do Filho em relação ao Pai. "O Filho se assemelhava à Mãe" (VANNI, 1986, p.72). O mesmo autor afirma que o *Magnificat* é "indubitavelmente uma construção literária de Lucas, especialmente refinada, mediante a qual Lucas é consciente de poder interpretar adequadamente Maria" (VANNI, 1986, p. 74).

Sendo assim, Maria, voz dos pobres de Deus Maria poderia ser "modelo" de todas as mulheres e de toda a Igreja. Nela, Deus olhou e olha para a humilhação de todos os injustiçados da terra. Maria de Nazaré, a Maria que os Evangelhos nos apresentam, passou pela dor e pela alegria; em seu silêncio contemplativo, pensou e discerniu. Para vê-la como Lucas a interpreta "é necessário superar algumas visões já construídas e sedimentadas na mariologia oficial: uma imagem mítica e indefinida de Maria, distanciada das circunstâncias e do contexto sócio-histórico; uma Maria apresentada como 'modelo da mulher ideal'" (COSTA, 2005, p. 254).

Se a Igreja, aberta e em saída, é comunidade de mulheres e homens, discípulos missionários, uma reflexão crítica sobre as imagens de Maria e à própria mariologia podem ser colocadas em pauta para que seja visível um discipulado de iguais, o que não significa serem homens e mulheres idênticos, mas com a mesma dignidade, com o mesmo valor, respeitando-se a diversidade (Cf. SCHÜSSLER FIORENZA, 2009, p. 27). O canto de Maria continua sendo o canto dos pobres, o canto das mulheres, o canto da Igreja enquanto anuncia profeticamente e inspira a agir para que o mundo se torne um lugar para todos, prenúncio do Reino. "O *Magnificat*, canto da misericórdia de Deus que inverte as situações iníquas é também o hino da igreja que, profeticamente, volta a anunciar a libertação messiânica e a reconciliação com Deus e com os homens entre si" (PELLENTIER, 1995, p. 1081).

Conclusão

A Igreja é o povo dos pobres de Deus, como nos lembrou Comblin, e Papa Francisco pede uma Igreja em saída que valoriza o protagonismo da “voz feminina” (FRANCISCO, 7 de outubro de 2020), a voz de quem é duplamente pobre. Esses são convites para cantar um canto novo na Igreja e, ao mesmo tempo, desafios para que também a reflexão sobre os espaços dados ou negados às mulheres na Igreja seja fundamentada na figura de Maria que está clara ou nas entrelinhas dos Evangelhos.

Os convites de Francisco para as mudanças na Igreja dão motivos para cantar a esperança, assim como Maria que canta a esperança dos pobres que nela e por ela se torna uma certeza. O novo canto da Igreja dos pobres é uma composição para muitas vozes, uma partitura escrita para e por muitas mãos. A Igreja dos pobres é aquela que cresce e caminha com a participação de todos enquanto cura as feridas de quem foi esquecido à beira do caminho, transformando-os em protagonistas da missão. Entre a realização e o desejo das mulheres de serem vistas como pessoas capazes - não somente como cuidadoras e mães - existem os estereótipos formados e incorporados culturalmente; existe uma certa dificuldade em reconhecer a competência das mulheres, existe uma sociedade patriarcal e desigual em se tratando de direitos e, a figura de Maria em silêncio pode contribuir para reforçar a ideia de que a mulher deve ser calada, submissa, obediente; um ser frágil e que não pensa e, se pensar, não faz diferença.

Uma mulher ideal, supervalorizada, virgem e Mãe, silenciosa, passiva, alienada e submissa é o contrário da Maria que canta o poema dos pobres no *Magnificat*; é o contrário também em centenas de obras de arte que permanecem como decoração em nossas Igrejas, nas capas de livros ou nas gravuras, reforçando e justificando a exclusão ou a escassa valorização das mulheres tanto na Igreja quanto na sociedade.

A oração de Papa Francisco colocada junto à imagem da Virgem do Silêncio, no Palácio Apostólico, instiga a questionar as imagens de Maria, as imagens de mulher e as imagens de Igreja. Essa imagem não o inspirou a dizer que os devotos devam ficar em silêncio, no dia a dia, ao contrário, ele rezou para que todos falem, mas encontrem palavras acertadas. Ele não indicou o silêncio para as mulheres. Seu magistério aponta para palavras de profecia e gestos de ternura e compaixão; sinalizam a gestação de um mundo mais justo

que será visível quando os invisíveis e silenciados forem incluídos e as diferenças forem respeitadas: quando as decisões e a realidade disserem as mesmas coisas que as palavras ditas. Os convites para uma Igreja aberta e em saída passam necessariamente pelo canto do “não” e do “sim”, como no canto de Maria; poesia-profecia a ser ensaiada e cantada em coro, a começar pelos pobres, pelas mulheres – duplamente pobres.

Referências

ANTENUCCI, Emiliano. **Maria, Vergine del Silenzio**. 27 Febbraio 2020. Disponível em: <https://www.verginedelsilenzio.org/news/maria-vergine-del-silenzio/>. Acesso em 6-05-2021.

ANTENUCCI, Emiliano. **La preghiera silenziosa di Maria**. 24 Novembre 2020. Disponível em <https://www.verginedelsilenzio.org/news/la-preghiera-silenzio-di-maria/>. Acesso em 6-05-2021.

BRANCHER, Mercedes e DOMEZI, Cecília. (org.) **Maria entre as mulheres: perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora**. São Leopoldo: Cebi, 2009.

COMBLIN, José. **O povo de Deus**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

COSTA, Etel M. P. **Maria e o *Mysterium Salutis* – uma leitura teológica, a partir do feminino, da mariologia do capítulo VII da *Lumen Gentium***. Tese doutoral. Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo-SP, 2005.

DOMEZI, M. C. Na igual dignidade batismal. Laicato, serviços e ministérios, relação de gênero no interior da Igreja. In. SANCHEZ Wagner e FIGUEIRA Eulálio. (org.) **Uma Igreja de portas abertas**. Nos caminhos do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium** sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013.

FRANCISCO. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**, sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo, Paulus, 2020.

FRANCISCO. **Carta de Papa Francisco** ao Prefeito da Congregação para o culto divino e a disciplina dos sacramentos sobre o rito do lava-pés na liturgia da missa *in Coena Domini*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2014/documents/papafrancesco_2014_1220_lettera-lavanda-piedi.html. Vaticano, 20 de dezembro de 2014. Acesso em 6-05-2021.

GEBARA, Ivone e BINGEMER, Maria C. **Maria, Mãe de Deus e Mãe dos pobres – um ensaio a partir da mulher e da América Latina**. Série IV: A Igreja, Sacramento de libertação. 2. ed. Petrópolis: 1988.

PONTANI, Francesca. **I miracoli di Faras**. Publicado em Antico Egitto, Egitto Copto, Valle del Nilo. Disponível em <https://archeotime.com/2014/10/20/i-miracoli-di-faras/>.

PELLENTIER, Anne-Marie. Mulher. In, LACOSTE J-Y. **Dicionário crítico de Teologia**. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2004, p. 1201-1204)

PERETTO, Elio. Pobre. In. DE FIORES, Stefano e MEO, Salvatore. **Dicionário de mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 1075-1081

MATTHIAE, Guglielmo. **Pittura romana del medioevo. Secoli IV-X** (aggiornam. scient. e bibl. di M. Andaloro) Roma: Palombi, 1987.

SHÜSSLER FIORENZA, Elizabeth. Mariologia, ideologia de gênero e o discipulado de iguais. In. BRANCHER, Mercedes e DOMEZI, Cecília. (org.) **Maria entre as mulheres: perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora**. São Leopoldo: Cebi, 2009.

VANNI, Ugo e MASCOTTI, Albarica, et all. **Maria Bambina – Storia e riflessioni teologiche di una devozione**. Brescia: Queriniana, 1986.